



“PARECE QUE VIVÍAMOS EM FESTA!”: ROTINA E FESTAS ESCOLARES NO COLÉGIO DAS IRMÃS PIAUIENSES (1906 – 1973)

Samara Mendes Araújo Silva (ESPI/SEDUC-PI/FAPEPI/UFC)
Luís Távora Furtado Ribeiro (UFC)

1 Considerações Iniciais

A rotina escolar em qualquer instituição de ensino é demarcada levando-se em conta vários aspectos e critérios, que incluem desde a proposta pedagógica, o currículo escolar, calendário civil, passando pela idade dos escolares, nível de ensino, poder aquisitivo e posição social dos pais, e por fim para atender a necessidade de manter a disciplina e o controle dos escolares. Na escola, tudo é pensado, mensurado e organizado para que o tempo educacional, em sendo controlado, seja utilizado, de forma mais proveitosa possível, para ampliar a formação intelectual e geral dos educandos.

E, dentro da rotina, há os momentos dedicados à festa, orações e ao lazer, que, aparentemente, não são descritos e nem definidos como pedagógicos. Mas, que, ao observarmos a forma como são inseridos no cotidiano da escola, cumpre um conjunto de objetivos que resultam na continuidade da formação dos alunos, e, a realização destes, contando com a participação dos educandos, e, por vezes, dos pais, se constituem, também, em tempo educacional onde a partir de atividades espirituais, lúdicas e festivas e etc. corroboram com o projeto educacional desenvolvido pela escola.

Assim, considerando a perspectiva analítica da História Cultural e que as festas escolares podem ser definidas como instrumento de formação educacional nos propomos neste texto, a apresentar a rotina escolar adotada pelos Colégios das Irmãs piauienses (escolas situadas nas cidades de Teresina e Parnaíba) e como as festas se inseriam no cotidiano destas instituições educativas e de que forma as alunas daqueles colégios as percebiam e as vivenciavam no período de 1906 a 1973, para tanto nos utilizamos de informações constantes



em documentos existentes nas Secretarias dos Colégios, depoimentos de ex-alunas e registros fotográficos dos momentos festivos.

Reunindo informações sobre o cotidiano e a rotina escolar dos colégios confessionais católicos piauienses, acreditamos estarmos iniciando o processo de descortinar fragmentos da cultura escolar existente e cultivada nas escolas confessionais católicas, as quais caracterizavam o ensino ofertado como objetivando a formação integral das alunas e fundamentado numa “escala de valores humanos e cristãos e, inspirando-se nos princípios da lei de ensino em vigor”. Constatamos, ainda, que, para as alunas, o tempo do Colégio era visto e vivenciado como momentos sucessivos de festas intercalados pelos horários de aulas e estudos, para elas “no Colégio parecia que vivíamos em festa!”, conforme afirmou a aluna Teresinha Meireles. Lembremos ainda, de que, no contexto da rotina escolar dos Colégios das Irmãs, as festas eram uma estratégia importante e imprescindível para a formação moral, religiosa e intelectual das mulheres.

Por tudo isto, acreditamos que as festas – embora em geral sendo caracterizadas como momentos de exceção no cotidiano escolar – se constituem em intervalos temporais marcantes e espaços de sociabilidade, que mesmo sendo identificados e lembrados como sendo diferenciados das salas de aulas, são descritos pelas ex-alunas como momentos inesquecíveis (até mesmo mágicos!) e, portanto contribuíram para a sua formação enquanto pessoas e também se tornaram mais um elo entre as alunas e a própria instituição escolar, cientes da importância das festas na rotina escolar apresentamos a seguir uma parcela de nossas análises sobre as festas nos Colégios das Irmãs no Piauí durante o século XX.

2 Colégios das Irmãs: “formador intelectual, humano, social e religioso”¹ no território piauiense

¹ Dom Rufino (Bispo Emérito da cidade de Parnaíba) escreveu texto analisando a importância do Colégio Nossa Senhora das Graças (Colégio das Irmãs de Parnaíba) para o desenvolvimento educacional e religioso na cidade de Parnaíba, o título do texto é “CNSG: formador intelectual, humano, social e religioso”. O referido texto foi publicado em 2007 na edição especial da Revista Raios de Luz (Parnaíba).



Em território piauiense, em 1906, os Colégios católicos para mulheres iniciam seu funcionamento tendo as religiosas italianas da Congregação dos Pobres de Santa Catarina de Sena como diretoras e professoras, centrando-se na “formação religiosa das alunas e ao ensino de trabalhos manuais, música, pintura e rudimentos de línguas estrangeiras (italiano e francês)” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1973, p. 1), uma vez que as irmãs falavam italiano e compreendiam pouco o português.

A primeira dificuldade enfrentada na instalação dos Colégios no Piauí foi a comunicação, pois as irmãs designadas para atuar aqui vieram diretamente da Itália, embora já houvesse desde 1904 irmãs da mesma Congregação instaladas em Belém do Pará. Para Teresina foram designadas as irmãs: Edvige Pescucci (superiora), Cristina Daddi, Zita Gavilli, Vicenza Pratolongo, Orsola Bindi e Tecla Doro; enquanto para Parnaíba foram encaminhadas as irmãs: Annunziata Amália Petri (superiora), Maria Guzzarri, Maria Laura Giovine e Josefina Taccini. Esta dificuldade persistiu nos primeiros anos, o que afetou a situação funcional dos Colégios que atuavam junto a um número ainda reduzido de alunas. (SILVA, 2007, p. 50)

A escolha dos nomes dos colégios foi feita atendendo ao pedido do Bispo do Piauí, Dom Joaquim - responsável pela vinda da Congregação italiana para o Piauí. Em Teresina, o Colégio fundado em outubro de 1906, recebeu o nome e foi consagrado ao Sagrado Coração de Jesus. O Colégio de Parnaíba, fundado em junho de 1907 “sob a invocação de Nossa Senhora das Graças com a presença do Exmo. Sr. Bispo e a escol da sociedade parnahybana” (O APOSTOLO, 1907, p.02) como forma de homenagear a santa padroeira da cidade.

O processo de escolarização no qual os Colégios das Irmãs tomaram parte tanto enquanto instituição originada e que agiu e age dentro de um e conforme um contexto político e cultural específicos, quanto espaço de (re) produção de sociabilidades e culturas escolares cujas práticas extrapolaram os “muros” das escolas, deve ser entendido a partir da perspectiva elaborada por Faria Filho (2003), onde

estamos entendendo o termo escolarização em um duplo sentido, os quais estão intimamente relacionados. Num primeiro, escolarização pretende designar o estabelecimento de processos e políticas concernentes à “organização” de uma rede, ou redes, de instituições, mais ou menos formais, responsáveis seja pelo ensino elementar da leitura, da escrita, do



cálculo e, no mais das vezes, da moral e da religião, seja pelo atendimento em níveis posteriores e mais aprofundados. Em outra acepção, estamos entendendo por escolarização o processo e a paulatina produção de referências sociais, tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados. Neste caso, nossa atenção estará voltada para o que temos chamado de implicações/dimensões sociais, culturais e políticas da escolarização, abrangendo questões relacionadas ao letramento, ao reconhecimento ou não das competências culturais e políticas dos sujeitos sociais e à emergência da profissão docente no Brasil.(FARIA FILHO, 2003, p. 78).

Assim, os Colégios são ao mesmo tempo e continuamente e, por isto mesmo, para a sociedade piauiense - e para aqueles de outros lugares que para lá encaminham suas filhas – um espaço que oferta formação intelectual, humana, social e religiosa, ou seja, aos educandos disponibiliza as instruções, os meios, as maneiras, as atividades e os exercícios que resultarão como “produto final” do processo de escolarização ali empreendido, num cidadão exemplar que é respeitador e cumpridor das leis da Nação, temente a Deus e à Igreja e defensor da moral e das tradições familiares.

O processo de constituição e consolidação dos Colégios das Irmãs como espaços educacionais que possibilitam a ampliação dos anos de estudos das mulheres piauienses, em termos educacionais, se principia no início do século XX, se fortalece na segunda metade da década de 1920 com a contratação de professores de Língua Portuguesa e, em 1930, com a ampliação dos níveis dos cursos ofertados e tem sua continuidade nas décadas seguintes com a formação e manutenção de quadro de profissionais com alto índice de qualificação acadêmico-profissional e baixa rotatividade e ampliação do respaldo social da própria instituição escolar e de suas ex-alunas.

Enfim, é a História dos Colégios das Irmãs no Piauí atravessou o século XX e chegou ao atual sendo reconhecidas como “escolas de tradição e qualidade” pela sociedade piauiense, e que agiu de diferentes modos durante a sua trajetória centenária, os quais foram definidos conciliando os interesses expressos pelo mundo laico no que se refere à formação educacional dos jovens e os princípios e a reorganização interna e doutrinária da Igreja Católica. Em face disto, podemos afirmar que os Colégios das Irmãs Catarinas são



concomitantemente espaços sócio-educativos e religiosos, que por meio do processo de escolarização das mulheres piauienses empreendem a catequese e desenvolveram ações de evangelização. As escolas savinianas – desde a sua fundação até o presente momento histórico – se constituíram, portanto, em locais de formação intelectual e acadêmica e, também, religiosa, tendo em vista que primavam e primam tanto pela qualidade dos conhecimentos científicos ofertados e eficácia dos métodos de ensino utilizados, quanto pela valorização e difusão da religião católica em consonância com os ditames do Vaticano (Roma).

3 “Formar boas cristãs e boas cidadãs”²: as normas nos colégios das irmãs

Camargo (2000) ao descrever as normas e regras a serem cumpridas pelos alunos de certa escola em Rio Claro (São Paulo), afirma que “as disposições do Regimento Interno (Prospecto para 1933) do Instituto eram rígidas enquanto mecanismos de inculcação de comportamentos e formação de hábitos. O Regimento era minucioso na regulamentação das condutas adequadas ou incompatíveis ao ambiente escolar.” (CAMARGO, 2000, p. 51) Tal caracterização pode ser atribuída, também, nos Colégios das Irmãs do Piauí.

O primeiro estatuto do Colégio das Irmãs foi elaborado ainda em 1906, pouco antes do Colégio de Teresina iniciar suas atividades, pelas Irmãs italianas e o padre Bianor. Este estatuto - Estatutos e regras para as educandas do Collegio dirigidos pelas Irmãs dos pobres de S. Catharina de Sena - é extremamente minucioso, e tenta normatizar todos os aspectos da vida das alunas, especificando horários, rotinas escolares, formas de comportamento, etc. A forma como este documento se estrutura, corrobora com a afirmação feita por Assunção (2007) de que

(...) as experiências escolares constituem um fator relevante neste processo [a constituição do indivíduo], em particular as informações apreendidas pelo discurso científico, pois por intermédio de tais ações as mulheres, e também os homens, não aprenderam, (...), apenas a respirar, mas a controlar a sua respiração; não apenas a falar, mas a emitir as palavras e frases apropriadas,

² A frase é a síntese da diretriz máxima da educação católica que é a de formar bons cristãos e bons cidadãos.



nas situações sociais apropriadas, no tom de voz apropriado e de modo evasivo ou não. Não apenas a sentir, mas a sentir certas emoções muito distintamente; não apenas a se tornar mulher, mas a se tornar uma mulher que se comporta e sente de determinada forma. Enfim, não apenas as idéias, mas as próprias emoções são, no homem, artefatos. (ASSUNÇÃO, 2007, p. 37).

E, dentro dos espaços escolares savinianos que se pretendia “formar um bom cristão e honesto cidadão para levar à sociedade germes de bem”, tanto que o Colégio das Irmãs de Parnaíba divulga, naquele no ano de 1973, que o estabelecimento tratava-se de “uma instituição educativa, com o objetivo de dar à juventude formação integral, afim de prepará-la ao perfeito conhecimento de seus deveres para com Deus, a Igreja e a Pátria”. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, 1973, p. 1).

Algo que chama atenção no comportamento da alunas dos Colégios das Irmãs piauienses, que apesar de

o silêncio era ao mesmo tempo disciplinado do mundo, das famílias e dos corpos regra política, social, familiar (...), pessoal. Uma mulher conveniente não se queixa, não faz confidências, exceto, para as católicas, a seu confessor, não se entrega. O pudor é a sua virtude, o silêncio, sua honra, a ponto de se tornar uma segunda natureza. A impossibilidade de falar de si mesma acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele. (PERROT, 2005, p. 10).

As alunas dos Colégios piauienses não se calaram, não frustraram e não internalizaram todas as suas vontades, e paulatinamente, conseguiram negociando e pressionando as Irmãs, mas com todo o respeito (como fazem questão de frisar e registrar sempre em suas falas), alterar algumas normas do Colégio, como, por exemplo, quando conseguem a mudança de um dos itens que integravam o uniforme escolar.

Teresinha de Jesus Soares Meireles se lembra da rigidez e apreço com que era tratada a farda do Colégio e de que forma as Irmãs fiscalizavam as alunas mesmo fora do Colégio,

...não podia, tá, não podia andar na ..., não podia sair fardada. Só do Colégio pra casa, eu não podia andar fardada na rua, circular assim sair pela rua, não podia. ... tinha um carro, naquele tempo chamava de perua né. Elas circulavam pela cidade de carro, nesse carro viu, pra ver. Elas circulavam na rua. ...Foi eu e mais duas né, nós gazeamos a aula, tava perto do 4 de



outubro, que no Liceu era uma festa, hoje em dia não tem, mas a festa de 4 de outubro no Liceu, Ave Maria, era um sonho e nós fugimos fardada. Quando nós chegamos na praça do Liceu, nós avistamos a kombi com duas freiras dentro, olha mais nós demos uma carreira, a primeira casa que nós encontramos portão aberto nós entramos. ... Pra elas num ver. Era suspensão. Ia suspensa, fardada, hora de aula, fardada... Passeando, nunca mais nós fizemos isso, foi a primeira e última vez - porque olha mais foi assim um negócio tão rápido - que a primeira casa com portão nós entramos as três. Nós entramos mesmo e pedimos des ... desculpa e ficamos até, né, a kombi delas ir embora. Mas era suspensão não tinha nem como. Ah! ... A farda era abaixo do joelho. Você não podia usar pintura, você não podia ir com o cabelo penteado porque naquele tempo era aqueles cabelos né. É, unhas pintadas. Tinha uma freira, na entrada do Colégio, que a gente entrava pelo lado. Num tem a imagem de Jesus ali? Então na hora que você entrava aqui tinha porta, você entrava ali. Então já tinha essa freira, eu não lembrava o nome dela, com álcool, cetona, com algodão, aí a gente ia de propósito - pintava as unhas de vermelho bem mesmo, bem mesmo e chegava lá já era assim (esticou as mãos mostrando as unhas). Ela tirava tudinho né. Por exemplo, aquelas faixas que se usava no cabelo, só podia ser branca - mas no quarto ano, nós do quarto ano conseguimos que ela deixasse usar branca ou preta né, e aí pra nós já era uma vitória né. (MEIRELES, 2006).

Hoje, as ações das alunas aparentam ser algo simples e até mesmo banal, posto que nenhuma instituição escolar, atualmente, normatiza a forma como seus alunos usam ou arrumam seus cabelos ou enfeitam suas unhas. Mas, na década de 1960, os usos e formas dadas aos cabelos era parte integrante do uniforme escolar e como tal era observado, tanto que o cuidado com os cabelos era elemento integrante e avaliado da conduta escolar, tanto que os colégios colocaram em suas normas um item que especificava isto claramente, conforme consta em seus estatutos. Assim, conseguir a permissão de forma negociada, alterar, ainda que de modo singelo, os usos e a forma de pentear os cabelos, para as alunas foi uma conquista que lembram com orgulho, e sem dúvidas, foi o começo de algumas liberdades que consideramos "inalienáveis" aos educandos na contemporaneidade.

Neste cabe a afirmação de Assunção (2007) de que

os códigos de comportamentos para a mulher podiam ser encontrados não só no discurso médico, mas também no discurso dos juristas, no discurso dos religiosos, no discurso dos educadores, no discurso das ciências humanas, nos registros informais (jornal, revista, etc.), que, em conjunto, esquadrihavam o universo feminino a fim de ordenar, classificar, enfim,



normatizar os procedimentos e comportamentos adequados à mulher. (ASSUNÇÃO, 2007, p. 32).

Especialmente, até a primeira metade do século XX, as mulheres ocidentais estavam inseridas em um contexto social que as educava e defendia suas ações como coerentes/adequadas ou incoerentes/inadequadas a partir de um lugar social único constituído pelo binômio social esposa-mãe, o qual lhes conferia o papel secundarizado frente ao elemento masculino nos espaços privados e públicos, excluindo de suas atribuições sociais a tomada de decisões e desenvolvimento de ações que se referissem a outros assuntos que não os da governança do ambiente doméstico e a educação e controle das crianças.

Situação que passa lentamente a ser alterada com o ingresso nas escolas e a possibilidade real de promover alterações nesta configuração, as mulheres começaram a “romper com os seus silêncios” e a tentar viabilizar outras formas de participação e ação social que extravasem o binômio esposa-mãe, agregando a estas outras possibilidades de figurações, uma vez que “(...) lugares dos indivíduos nas cadeias de interdependência objetivadas nos processos sociais de longa duração.” (LEÃO, 2007, p. 16) e que

no processo de civilização, são as cadeias de interdependência que mantêm os indivíduos ligados e formam os nexos mutáveis chamados figurações ou configurações. Nem a figuração, nem os indivíduos que em um jogo de relações recíprocas e mutantes compõem o desenho dela constituem qualquer tipo de abstração. (LEÃO, 2007, p. 30)

4 As Festas Escolares: religiosidade, civismo e comemorações solenes nos Colégios das Irmãs

A escola participa da formação dos indivíduos, de tal maneira, porque

a força do processo de escolarização, como um processo ativo, na produção de subjetividades, composto por um arsenal de relações, códigos, raciocínios, ênfases e ausências com as quais lida. Essa perspectiva permite afirmar que os rastros da escolarização são muito mais que lastros de memória, à medida que a escolarização opera sobre as pessoas, e através delas, apontando para o envolvimento escolar na produção de subjetividades. (ASSUNÇÃO, 2007, p. 33).



E, nas escolas católicas femininas, a produção das subjetividades, ou seja, da formação da personalidade (quando se observa o aspecto individual e particular de cada aluna) e comportamentos sociais (quando se analisa o aspecto da configuração, manutenção e relações dos grupamentos sociais nos quais as alunas se inserem enquanto sujeitos sociais) isto se processava de forma ímpar, posto que, na mesma proporção em que tais instituições tornam acessíveis às mulheres os conhecimentos intelectuais e científicos, estas escolas ofertam uma gama de atividades, ocupações, tarefas, até mesmo, entretenimentos, os quais desenvolvidas nos espaços da escola ou em lugares que se configuram como extensões destes – seja nos momentos de aula como conteúdos curriculares, seja nas atividades extra-curriculares – em seu bojo estão presentes a valorização das mulheres que se dedicam e desempenham as “vocações naturais” femininas de esposa e mãe, contribuindo, assim, para que as alunas continuassem percebendo que as escolhas feminina deveriam incluir, obrigatoriamente, a adoção das papéis sociais de esposa e mãe e o desempenho das funções sociais decorrentes destas posições, agregadas à postura de cristã católica fiel às doutrinas e emanções da Igreja Católica e de seus representantes.

Tais atividades, ainda, cumprem a finalidade de dar visibilidade social a estas instituições escolares e, de certo modo, assegurar o reconhecimento por parte da sociedade laica de seus méritos educacionais, culturais, morais e religiosos na formação das mulheres da sociedade piauiense. Por isto, não era raro, que atividades desenvolvidas nos Colégios mobilizassem a atenção de toda a sociedade local, por meio das alunas, de seus familiares e amigos, e atraíssem para tomar parte, ainda que fossem expectadores privilegiados, vários ocupantes de cargos públicos e eclesiásticos importantes, grande número de integrantes de famílias abastadas e de influência política e econômica, as páginas dos periódicos que circulam no Piauí estão abarrotadas de notas, informes, matérias longas ou não, dando conhecimento a sociedade piauiense. Como exemplo, citamos a nota a publicada no dia 19 de julho de 1946, no Jornal O Piauí informando que no dia seguinte (sábado dia 20 de julho) haveria mais uma festividade no Colégio Sagrado Coração de Jesus, onde as alunas iriam apresentar



as 18-30 da tarde, haverá no auditório deste Estabelecimento, um belíssimo drama – ISABEL DA TURINIA – seguido de formidável comédia, que certamente agradará a todos, ambos interpretados por pessoal escrupulosamente escolhido. A Diretoria espera, portanto, numerosa assistência, e, desde já, agradece penhorada. (O PIAUÍ, 1946, p. 4).

As festas religiosas, cívicas, folclóricas que aconteciam nos Colégios das Irmãs e pareciam criar um hiato, um intervalo em que a rotina escolar é quebrada ou, pelo menos, entortada, assim, devemos compreender que “(...) o tempo escolar, não pode, neste sentido, ser desligado das relações e tempos sociais dos quais a escola participa ativamente, seja para construir e reforçar, seja para destruir e desautorizar.” (FARIA FILHO, 2003, p. 86).

A rotina escolar em qualquer instituição de ensino é demarcada levando-se em conta vários aspectos e critérios, que incluem desde a proposta pedagógica, o currículo escolar, calendário civil, passando pela idade dos escolares, nível de ensino, poder aquisitivo e posição social dos pais, e por fim para atender a necessidade de manter a disciplina e o controle dos escolares.

Na escola, tudo é pensado, mensurado e organizado para que o tempo educacional, em sendo controlado, seja utilizado, de forma mais proveitosa possível, para ampliar a formação intelectual e geral dos educandos. E, dentro da rotina, há os momentos dedicados à festa, orações e ao lazer, que, aparentemente, não são descritos e nem definidos como pedagógicos. Mas, que, ao observarmos a forma como são inseridos no cotidiano da escola, cumpre um conjunto de objetivos que resultam na continuidade da formação dos alunos, e, a realização destes, contando com a participação dos educandos, e, por vezes, dos pais, se constituem, também, em tempo educacional onde a partir de atividades espirituais, lúdicas e festivas e etc. corroboram com o projeto educacional desenvolvido pela escola, por isto,

sem dúvida, o tempo escolar, ou melhor dizendo, os tempos escolares são múltiplos e, tanto quanto a ordenação do espaço, fazem parte da ordem social e escolar. Sendo assim, são sempre “tempos” pessoais e institucionais, individuais e coletivos, e a busca de delimitá-los, controlá-los, materializando-os em quadros de anos/séries, horários, relógios, campanhas, deve ser entendida como um movimento que tem, ou propõe, múltiplas



trajetórias de institucionalização. Daí, dentre outros aspectos, a sua força educativa e sua centralidade no aparato escolar. (FARIA FILHO, 2003, p. 85)

Sobre como era a rotina nos Colégios das Irmãs, Erice Moura faz o seguinte relato

Tinha que chegar cedo. A gente chegava, né, chegava às sete horas, tinha que ..., e eu morava num... depois eu fui morar na outra, noutra ..., o meu tio foi morar lá na Rua Benjamim Constant, ficou mais distante, mas aí tinha uma turma que vinha lá, naquele tempo não tinha essa história de carro nem nada. Tinha ônibus mas não tinha aquele ônibus assim pra pessoa ter que pegar ônibus, ter aquela coisa certinha ali. Mas a gente vinha tudo..., era aquela beleza, num sabe?!, juntava todo mundo, ia pra lá. Mas eu nunca cheguei atrasada, nunca cheguei atrasada no Colégio e nem nunca perdi um dia de aula e sempre peguei a primeira carteira. (neste instante a entrevistada sorri bastante). Começava [a aula] sete horas e aí terminava onze. Agora tinha um dia que era doze. Parece que era na..., não tenho bem certeza, se era na sexta que tinha aí, a gente ia lá pra o Auditório, a Irmã ia ler o Evangelho nessa hora, aí aproveitava..., tinha, eu me lembro que tinha o ..., a primeira vez que, que ... tinha um grupo lá de alunas que tinha assim, tipo assim um conjunto musical que era, elas tocavam, tinha uma menina que tocava lá, me lembro demais elas tocando Maria a lá ô, lan...lan...lan... e juntava lá. Era uma beleza, que era nesse momento era, era..., tanto pra ler, pra ler o Evangelho como tinha a parte recreativa, num sabe?!, nos finais de semana. É entrava sete. Rezava. A gente rezava e tinha também, tinha o professor José Luis muito interessante, o Padre José Luis ..., que depois Monsenhor Cortez, um moreno, alto. Era professor. Ele era o Capelão também. Ele era o professor de latim, era. Mas ele, eu gostava muito dele, ele era engraçado, agora as vezes ele ficava assim ..., que..., olha padre que é, padre, diretor de colégio as vezes não pode ficar o horário todo, né, as vezes pode chegar um pouco atrasado mas não tinha essa história de ficar tendo que repor aula na época, eu não lembro disso, como já falei eu num, num... os professores eram muitos assíduos, num sabe?!, não tinha. (RODRIGUES, 2008).

Partindo destes pressupostos ao ouvirmos os relatos das alunas sobre como era a rotina nos Colégios, várias interrogações nos perpassam, e acabamos por descortinar fragmentos da cultura escolar existente e cultivada nas escolas confessionais católicas piauienses, as quais caracterizavam o ensino ofertado como objetivando a formação integral das alunas e, constatamos, ainda, que, para as alunas, o tempo do Colégio era visto e vivenciado como momentos sucessivos de festas intercalados pelos horários de aulas e estudos, para elas “no Colégio parecia que vivíamos em festa!” como afirmou Teresinha Meireles, e, além de que, no contexto da rotina escolar dos Colégios das Irmãs, as festas eram



uma estratégia importante e imprescindível para a formação moral, religiosa e intelectual das mulheres. Então, havia as festas cívicas e de patriotismo nos Colégios das Irmãs (desfiles em eventos oficiais, visitas de autoridades), as festas escolares nos Colégios das Irmãs (apresentações teatrais, refeições de grau, placas de formatura, encerramento do ano letivo e premiações) e as outras festas nos Colégios das Irmãs (festas juninas, baile de debutantes, festa de Natal), além das inúmeras festas religiosas.

Josina Jacobino, ex-aluna do Colégio em Teresina, descreve com vivacidade e entusiasmo os momentos de festa vividos no Colégio

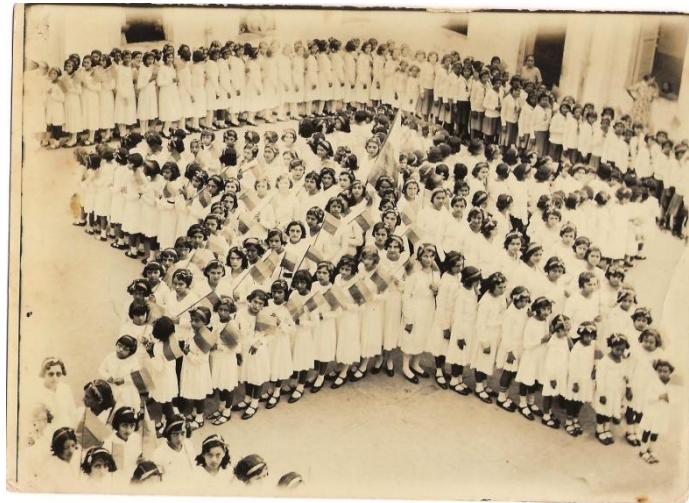
(...) pois é, elas [as Irmãs] faziam as festividades no auditório, a gente cantava música, fazia leitura de poesias, certo? Tinha aluna que tocava piano, fazia apresentação, violão, elas, elas exploravam o dom de cada pessoa, de cada aluna em gratidão elas aproveitavam. (2006).

Para reforçar a demarcação das festas como momentos de exceção dentro da rotina escolar, em que se dispensava muito zelo e atenção ao fardamento escolar, os Colégios das Irmãs tinham a farda de gala usada pelas alunas somente em ocasiões especiais e nas quais se exigia das alunas ainda mais cuidado e apreço com o uniforme escolar, sendo este também símbolo de alteração da rotina da escola. A farda de gala era considerada mais bonita que a usada diariamente e isto deixava as meninas ansiosas pelo dia em que poderiam usar a farda e desfilar elegantemente pela cidade, seja nas procissões e nos cortejos religiosos, nos desfiles cívicos ou na recepção de autoridades religiosas e civis que visitavam os Colégios, conforme descreveu Teresinha Meirelles

Ah! (...) Era o ano todo você sonhando (...) pra vestir a farda de gala.(...)
A saia era a mesma plissada com uma blusa de lingerie branca mangas compridas e tinha bem aqui assim tinha um lacinho de veludo, sabe? Era muito bonita a farda.
(...)
Ave Maria, era e quando tinha assim qualquer outra comemoração assim mais importante era com a farda de gala. (2006)



ALUNAS DO COLÉGIO DE TERESINA NA FESTA DA BANDEIRA



Fonte: Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

As festas marcaram tanto a formação das mulheres que estudaram nos Colégios que quando perguntadas do que mais marcou ou do que mais se lembram do tempo quando estavam no Colégio, a resposta quase sempre é “as festas”, especialmente a do dia de Santa Catarina de Sena (comemorado no mês de abril), que era uma das principais festas dos Colégios por ser Santa Catarina de Sena a padroeira da Congregação Saviniana, a ex-aluna Eva Leal quando perguntada sobre as festas nos faz o seguinte relato

Ah! Era muito bom. A gente, juntávamos é, nossos colegas, passávamos o dia no Colégio. Levava roupa, levava comida. Aí cada uma levava uma coisa a gente fazia tipo um piquenique no Colégio.

Aí tinha os jogos é o dia todo festivo.

Tinha, tinha missa é, geralmente, a missa era no início. Tinha a missa e aí passava o dia tinha jogos, aí, até a tardinha, os jogos e tinha o encerramento no final do dia.

E as outras festas que tinham no Colégio? (...)

Lembro das procissões do Senhor, é julho, procissão de Corpus Christi, é. Lembro das festas juninas, muito boas, principalmente e as que eu saía nas quadrilhas.

(...)

Como é que organizavam as festas?



Não, era só mulher. Eu me lembro que eu tinha a as Corcundas nós dançávamos, era umas vestidas de homem outras vestidas de mulher. As quadrilhas também só eram mulher nessa época não tinha homem ainda. É, no pátio faziam aquelas barraquinhas só com comidas típicas e as quadrilhas no centro e no Natal tinha as pastorinhas também, que tinha um lado vermelho e o lado azul, a estrela guia. Muito boa essa festa.
(...)

A Irmã Jacira era um pinga fogo, bem pequenininha tomava conta de todas, as ... , principalmente na, nas festas de 7 de setembro, que ela era diretora do Colégio. Ela prezava muito pelas festas principalmente a de 7 de setembro com ordem militar. (2006)

Entre as festas cívicas a que mais merecia atenção por parte das Irmãs Catarinas e das alunas era o desfile em comemoração a dia 7 de setembro, tanto que, Eva Leal nos contou que um amigo,

o Oscar Gondim Cavalcante que ele estudava nas Agulhas Negras, aí a gente trazia a farda pra gente tirar o modelo pra fazer o modelo igual a deles realmente, né.

Pra Guarda de Honra, ficar igual a Guarda de Honra das Agulhas Negras e aí eles era pra isso. (2006)

E, ainda, os soldados dos 25º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro (em Teresina) e os oficiais da Polícia Militar (em Parnaíba) eram convidados para ensinar as meninas dos Colégios das Irmãs “tanto ensinava a honra do militar, (...) pra ensinar a marchar, durante o período mais longo” (LEAL, 2006), situação também lembrada por Josina Jacobino (2006), que afirmou-nos nas

datas comemorativas havia festa. O Colégio é, no tempo é, da, no dia das Mães, tinha as apresentações, no dia dos Pais, dia do Professor, é 7 de setembro, a gente passava num sei quanto tempo ensaiando, de tardezinha, era um calor danado mas todo mundo ia. Era bom demais os treinos porque aí os meninos do Diocesano vinham e naquele tempo era bicicleta.
(...)

Era muito bonita a farda. A gente saía com a farda de gala. Tinha que marchar todo mundo igual. Mais ficava muito bonito o desfile. A gente marchava com a farda de gala, de meio, de meio, cabelo bem penteado, sem nada na cabeça. Não podia botar nada na cabeça.

Os Colégios tinham muitos momentos de festas e celebrações, religiosas ou cívicas ou mesmo os aniversários das alunas e dos santos, e a estes era dada atenção especial e feita uma preparação que demonstrava a valorização dada a estes eventos, denotando assim à



alunas que as instituições se preocupavam em lhes oferecer formas de lazer “saudável” e que preservassem e reforçassem os “bons costumes” cristãos e familiares.

5 Considerações Finais

Podemos, então, perceber, que ao estudarmos a fundo e criticamente a História dos Colégios das Irmãs nos possibilita compreender como se deu o processo de escolarização das mulheres piauienses e a transformação de seus comportamentos e papéis sociais ao longo do século XX. E, que, para as mulheres piauienses o acesso à escola formal e o progressivo aumento dos anos de estudo provocaram transformações nos diferentes campos de suas vidas e existência sociais, seja a partir do setor religioso, seja no intelectual, seja no político, seja no social, ou, ainda, no tocante a moral, e que a sociedade piauiense, como um todo, vivenciou e sentiu os reflexos destas transformações, e que as festas escolares era um momento de exceção na rotina escolar, mas, também, se constituíam em momentos de exposição pública das escolas onde a sociedade piauiense tinha a oportunidade de adentrar no espaço físico dos colégios e constatar “pessoalmente” os resultados do ensino ofertado naquelas instituições formativas femininas, posto que nas festas o que era apresentado ao público presente era enfatizado pela administração escolar como sendo o resultado do “aprendizado” ali desenvolvido.

Assim, tomando por base as festas escolares dos Colégios piauienses, podemos reafirmar que tais circunstâncias que integram a rotina escolar, embora apresentadas e vistas como sendo atividades distantes do currículo escolar, estas são sim componentes importantes e imprescindíveis dentro da configuração do espaço escolar e da rotina dos colégios e, conseqüentemente, a partir do estudo de tais momentos podemos nos apropriar melhor e compreender a constituição da cultura escolar nas instituições confessionais católicas e como esta se faz presente ainda hoje nas práticas do cotidiano de seus escolares.



REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva. Subjetividade – um conceito entre as fronteiras do discurso científico. IN: SILVA, Isabel e. e VIEIRA, Martha Lourenço (orgs.). *Memória, Subjetividade e Educação*. Belo Horizonte: Argumentum, 2007. p. 31 – 52.

CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. *Coisas velhas: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928 – 1958)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. *Dados Gerais do Ginásio Nossa Senhora das Graças Alusivas ao Curso Pedagógico*. Parnaíba, 1973.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. *COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: evoluindo, reformando-se e reafirmando-se*. 1973. (mimeografado)

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa. IN: VEIGA, Cynthia Greive e FONSECA, Thaís Nívia de Lima e (orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 77-97.

GINÁSIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. IN: *O PIAUÍ*. 19 de Julho de 1946, p. 04.

JACOBINO, Josina Maria de Oliveira. *Entrevista* concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 10 de fevereiro de 2006.

LEAL, Eva Maria Evangelista. *Entrevista* concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 1 de fevereiro de 2006.

LEÃO, Andréa Borges. *Norbert Elias & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEIRELES, Teresinha de Jesus Soares. *Entrevista* concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.

RODRIGUES, Erice de Moura. *Entrevista* concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 13 de julho de 2008, na cidade de Simplício Mendes (PI).

SILVA, Samara Mendes Araújo. *À luz dos valores religiosos: escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses (1906 – 1973)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2007.

Telegramas – Parnahyba, 20. IN: *O APOSTOLO*, Anno I, num 3, 02 de junho de 1907. p. 02.